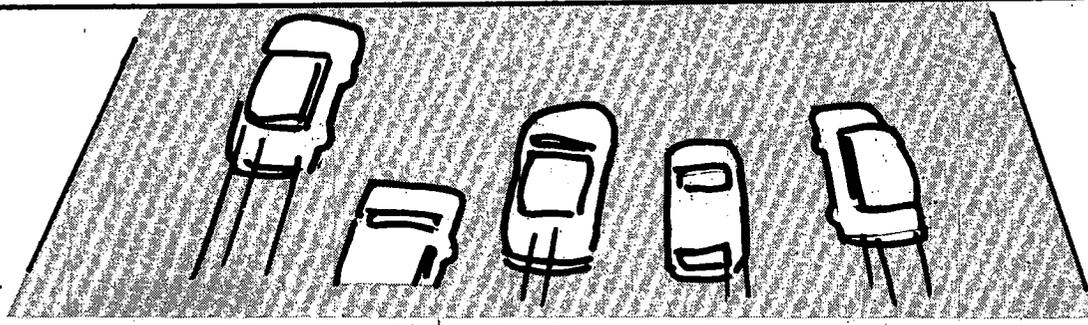
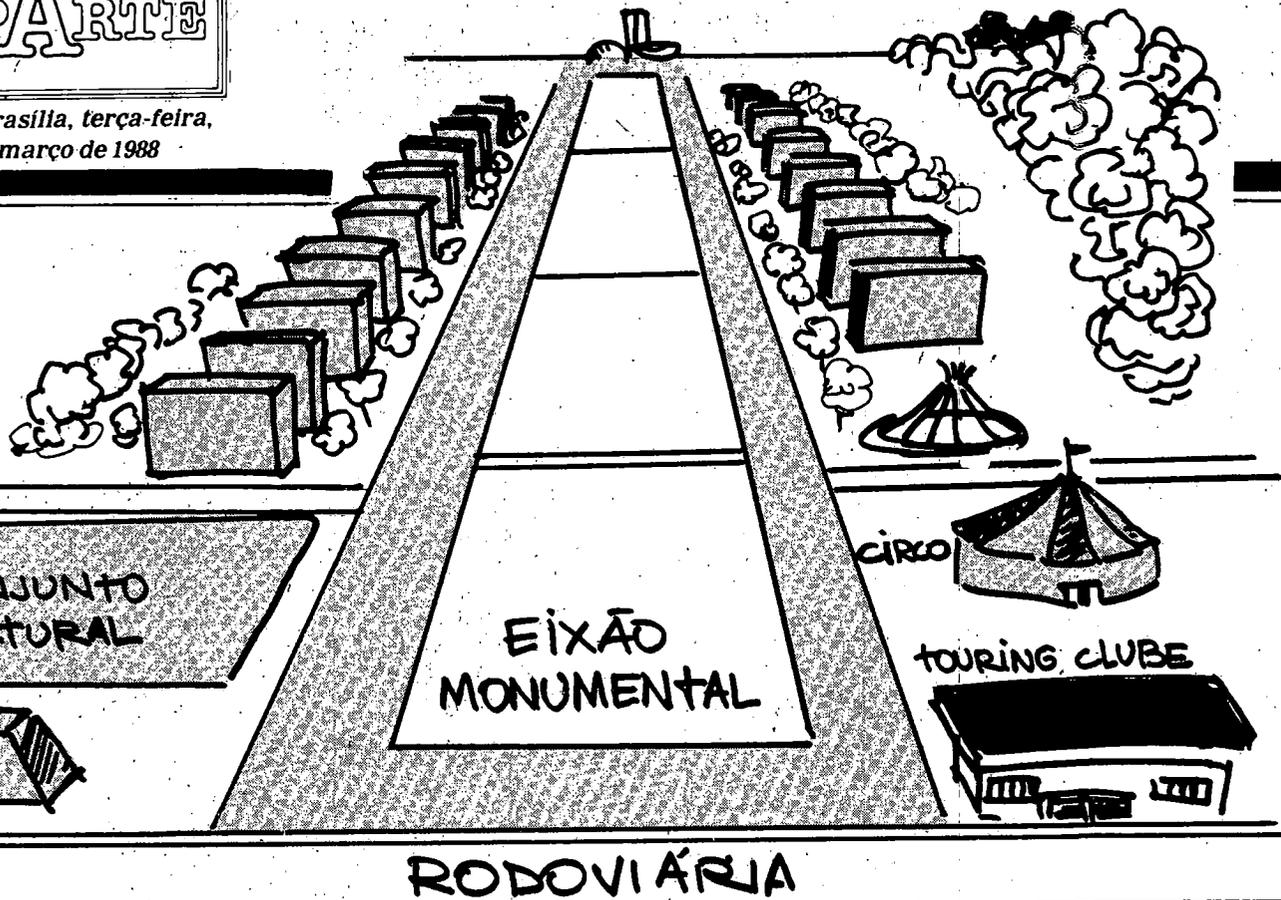


DF - Brasília



Para concluir a Esplanada, um sonho de alguns bilhões

RUBENS ARAUJO
Da Editoria de Cultura

O mais novo projeto de uma grande obra para Brasília tem um nome extenso que soa mal: Conjunto Cultural Federal da Capital da República. O sonho não é novo, vem desde a época em que Niemeyer e Lúcio Costa rabiscaram no papel seus planos para Brasília. Hoje volta à tona sob os olhos críticos de quem acha um desperdício um País como o Brasil gastar dinheiro com uma obra desse porte. Outros, como o presidente do INL, Wladimir Murtinho, acham-na imprescindível: "Com o conjunto, Brasília torna-se uma capital completa".

Wladimir Murtinho evoca Niemeyer e chama para si uma expressão de impacto: "Esplanada inconclusa". E com efeito. Desde a inauguração de Brasília, os dirigentes governamentais da cidade vêm guardando o espaço entre o Teatro Nacional e o Ministério das Minas e Energia como uma criança que deixa a melhor parte do sorvete para chupar depois. Estava lá no projeto inicial da cidade um local para o Arquivo Público, a Biblioteca Nacional, salas para exposições e espetáculos, conjunto a que viria se juntar mais tarde um prédio para o Ministério da Cultura.

A idéia é de um projeto arquitetônico de peso, com a assinatura de Niemeyer, "o arquiteto oficial de Brasília". Que vai ser pesado, ninguém duvida: será necessário mesmo toneladas e mais toneladas de cimento. E de cruzados também. E dinheiro, como não poderia deixar de ser, é o grande espinho na garganta dos que alimentam esse sonho antigo.

LEI SARNEY

No caso do Conjunto Cultural, dinheiro é a grande solução e também o pomo da discórdia. Teria o governo a coragem de falar para milhões de assalariados de bolsos furados que vai gastar bilhões de cruzados numa obra enfeitada de mármore? Tem sim. Mas, o governador José Aparecido, afirma que não existe descaramento nessa pretensão. Garante que o Governo vai gastar dinheiro, mas não o seu: "A obra inteira vai ser custeada pela iniciativa privada, através da Lei Sarney".

Aparecido com ar de quem vê no projeto do Conjunto mais uma realização do que foi vaticinado pelos visionários da "capital do 3º milênio", afirmou que a partir já do próximo mês serão iniciados os contatos

com as empresas para arrebatar verbas. E já canta a vitória prematura dessa busca. Falou ufania que não será difícil conseguir o apoio da iniciativa privada.

O governador enche o peito ainda para dizer que todas as últimas grandes obras em Brasília, não levaram um centavo dos cofres públicos do Estado: "Tanto o Gran Circo-Lar; quanto o Panteão da Liberdade, e o Museu do Índio, que está sendo construído, foram feitos com o dinheiro de empresas".

Aparecido disse que as únicas participações mais efetivas do governo no projeto foram a doação do terreno ao lado do Teatro e o trabalho de Niemeyer. "Vocês acham pouco", pergunta irônico, mas não responde quanto vai pagar a Niemeyer pelo projeto.

O ministro da Cultura, Celso Furtado não é tão otimista quanto Aparecido. Acredita que a drástica situação financeira do País vai empurrar o início das obras para um futuro não muito perto. "Não existe previsão para o começo das obras. Não existe dinheiro previsto para o conjunto nem no nosso orçamento nem em outra fonte. Esta será uma obra para os próximos anos. Nesse momento não há condições de fazê-la. Temos, contudo, que nos preparar para o futuro, para quando tivermos todas as condições", disse Furtado.

"CONCEITUAR"

Tanto Celso Furtado quanto Aparecido fazem parte de uma comissão especial, criada no dia 10 de fevereiro pelo presidente da República para estudar "as medidas necessárias à implantação e ao funcionamento do conjunto cultural" nesse espaço de tempo. Foi criado, um pequeno ruído entre os dois quanto à finalidade imediata da comissão. Enquanto Aparecido diz que existe uma preocupação a curto prazo com a questão das verbas para a obra, Furtado afirma que o buraco é mais em cima: "O trabalho da comissão agora é muito mais conceitual e sua única preocupação agora é com o significado real desse espaço cultural em Brasília, de saber como deve ser esse espaço".

Mas, se verbas para o governador do Distrito Federal são o "segredo" do projeto, para o ministro Celso Furtado são as grandes e incômodas pedras no sapato. Para Wladimir Murtinho, elas são secundárias. Segundo ele, mais vale um grande ideal na mão do que preocupações com dinheiro voando na cabeça. Não faltam argumentos a Murtinho: "Esses prédios não

são tão caros quanto parecem. Não vão custar mais do que 5 ou 6 mirrages. O importante é que com eles a esplanada dos ministérios, que hoje está inconclusa, poderá finalmente ficar completa e, conseqüentemente, o projeto de Lúcio Costa e Niemeyer".

Murtinho falou que se todos forem pensar nesse momento apenas nas prioridades brasileiras, nada será construído no País. "Nesse momento, tudo é dispensável. Mas ninguém pode dizer que qualquer esforço em prol da cultura, no Brasil, é dispensável". O diretor do INL comentou ainda que o Conjunto Cultural deve ser pensado obsessivamente. "Uma capital que não tem um grande museu para as grandes exposições nacionais ou um bom arquivo para guardar a memória do País não é uma capital federal".

Mas, as pequenas diferenças de conceitos entre Aparecido e Celso Furtado e os arroubos quase juvenis de Wladimir Murtinho só conseguem provar uma coisa: o projeto não passa ainda de um espermatozóide no caminho de um óvulo. A Comissão Especial (que tem peso pesados a exemplo dos ministros Paulo Brossard, da Justiça, e Lutz Henrique Silveira, da Ciência e Tecnologia) só se reuniu uma vez até hoje. Aqui, tudo foi mais festa do que propriamente decisões. O segundo encontro da comissão, que tem como secretário Virgílio Costa, assessor para assuntos culturais da Presidência da República, só acontecerá no próximo mês.

PONTOS COMUNS

Apesar dos poucos contatos, os participantes da Comissão Especial parecem já concordar em alguns pontos. Um deles é o óbvio, como não é possível transferir o prédio do Arquivo Público do Rio de Janeiro para Brasília, a solução é puramente tecnológica. Todos os documentos que estão lá chegarão aqui em forma de microfílm e disquetes de computador. Do mesmo modo a Biblioteca Nacional. "Não podemos desfalecer um prédio que é histórico. Logo, a Biblioteca Nacional de Brasília será complementar".

Oscar Niemeyer, segundo Aparecido, espera sentado para que a comissão decida o que vai existir na área vizinha ao Teatro Nacional, para que seu projeto arquitetônico se conforme à natureza da obra. O certo é que até a construção do Conjunto Cultural muita água vai rolar. Quem sabe até lá também, seja mudado o aliterante nome do complexo, uma prova de que de maus rimadores o Brasil está cheio.